

Raúl Perez Édipo em Metamorfose

Maria João Fernandes

Minuciosa e infatigável ao longo de várias décadas, a arte de Raúl Perez (n. 1944), patente numa grande exposição antológica na Fundação D. Luís I em Cascais, reunindo cerca de seis dezenas de obras, permite-nos uma abordagem de conjunto do seu trabalho e afirma o seu autor como um dos grandes nomes da segunda metade do século XX em Portugal, independentemente da esfera surrealista a que pertence. Na sua pintura vemos esboçar-se uma lógica oculta alicerçada nas estruturas do imaginário e delinearem-se, com uma assombrosa perfeição e precisão formais, as imagens e os símbolos que fundamentam os grandes mitos, numa verdadeira encenação do inconsciente.

Asas em equilíbrio instável sobre os portais do mistério, formas imponderáveis, divagações lunares da terra, noite da terra e da alma, pensativas e solenes esfinges, estátuas do acaso e do ocaso, Édipo em metamorfose, nos mil rostos do segredo e da ilusão. Ponto e porto de partida iniciático

de prodigiosas visões de um nascimento adiado, subterrâneo e visionário. O humano em claras ou obscuras metáforas de uma língua antiga e esquecida.

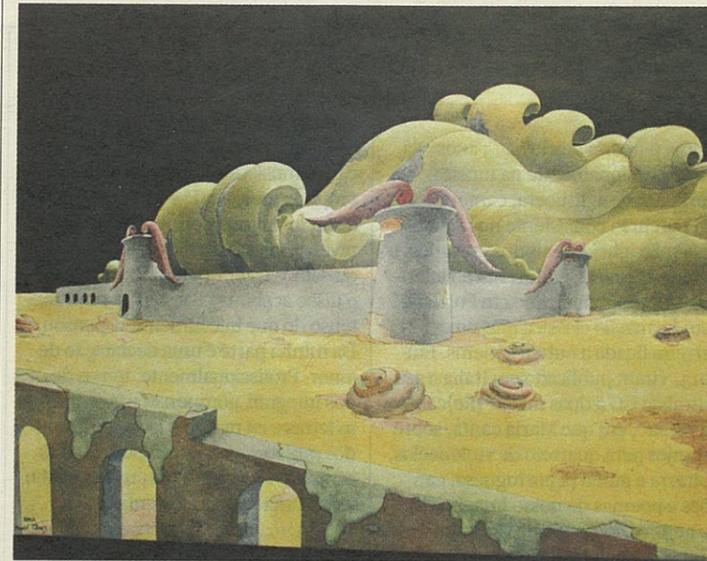
As imagens de Raúl Perez (RP) situam-se no cenário de um espanto inicial e fundador do humano. Erguem-se as pedras tão leves como o hálito de uma tarde que nunca existiu, tão súbita, tão perene, tão eternamente jovem na sua inquietude. Ao centro a presença sem nome do infigurado que percorre as alamedas de cidades em sombras acesas. A realidade inquietante do artista mergulha as suas raízes no mito, domínio do indizível. O oceano destas trevas povoadas de figuras esfíngicas, insólitas e paradoxais é mais do que um desafio a qualquer lógica, mesmo a dos sonhos. Mundo de Eros conotado com a perda do elo com o divino e com a morte.

Mundo lunar da mudança, do compósito, subterrâneo, tentacular, de uma androginia que evoca as divindades da lua e da vegetação e se afasta de um sentido mítico e alquímico original, da totalização dos opostos realizando-se sob o signo do divino. Figuras de

uma natureza terrestre, triste e melancólica, rastejante e larvar e no entanto, surpreendente imitação do humano.

Proximidade das trevas, uma quase imobilidade, carnaval sombrio, carnal, onde todas as máscaras são um disfarce da fuga terrível do tempo e da morte. Sabedoria das trevas neste espaço onírico e teatral, associando-se ao gato no quadro de uma sexualidade meio grotesca meio animal que reflete o desejo de uma fusão alquímica que não se consumou, acentuando-se a solidão das figuras no espaço labiríntico onde a profundidade do mundo subterrâneo tem uma carga negativa e letal.

Bipolaridade dos símbolos divididos entre as trevas e a luz, a morte e a vida, a terra e o céu, o feminino e o masculino, os sentidos e a razão, com uma vertente cósmica e uma vertente anímica. Da serpente evocada nas formas sinuosas e larvares, símbolo da alma, da libido, de um psiquismo inferior e também, na sua ambivalência, imagem do princípio vital e de todas as forças da natureza. Fábricas, mecanismos infernais acompanham a objetualização do humano, as hipérboles, as caricaturas da perda de si-mesmo. A espiral sugerida por vezes, figura da síntese dos contrários, é um sinal do equilíbrio no seio do desequilíbrio, da ordem do ser no seio da mudança, marca universal da temporalidade, da



Pintura de Raúl Perez

permanência do ser através das flutuações da mudança.

As torres de castelos ou de fortalezas surgem como o elo de ligação entre o humano e o divino, como a barreira que protege a alma de perigos exteriores, mas também como abrigo ou ameaçador cenário de perturbadores elementos viscosos, onde o humano fragmentado e incompleto é fantásticamente travestido. Resgatam um sentido mítico original, assombradas por árvores ou pássaros, mergulhadas em oceanos de pedra, aladas, ligando-se aos emblemas dos ciclos de regeneração da natureza,

a espiral, os ramos, as folhas. Folhas com olhos, simbolizando conhecimento e clarividência, um conhecimento oculto, do oculto que subtilmente se afirma.

Espaço construído, edificado, vertical, com torres e fortalezas, embora estas edificações sejam do domínio do símbolo. Espaço dos quatro elementos que encarnam os sentidos eternos do homem, convivendo em uniões paradoxais, petrificados, anunciadores de uma harmonia possível. Rostos velados, figuras meio animal meio humanas, próprias do simbolismo lunar, enigmáticos hermafroditas, medusas, gatos de rosto humano,

figuras duplicadas, outras diabolizadas com chifres, com os órgãos da audição exagerados, compreensíveis num quadro noturno, o olhar sempre em grande evidência, apelando à claridade que permite distinguir as formas, ao conhecimento e à percepção sobrenatural.

No entanto o masculino domina, impondo-se ao desejo de um conhecimento anímico e totalizador associado ao feminino. Domínio do espírito e da razão, *animus*, sobre a alma, anima, não em alquímica, harmoniosa fusão, mas ao modo complexo de uma mascarada, num cenário de trevas e de portas que dão para trevas. Aveso de uma totalidade permanentemente sugerida, como a operação alquímica, de uma ciência sobrenatural, uma força capaz de dar a imortalidade. Mundo lunar, de ilusões, de uma noite que abriga ainda assim no seu seio a semente de um sol maravilhoso, num óleo de 1987, sol de um espírito que resiste às vicissitudes do tempo, que arde sem se ver, fogo imortal que se alimenta da imortalidade, como o amor e como ele é esperança e destino, já anunciado por Dante, de toda uma civilização. ■

Raúl Perez, Exposição antológica, Fundação D. Luís I, Centro Cultural de Cascais. Terça a domingo, das 10 às 18 horas. Encerra às segundas, e dias 24 e 25 de dezembro e 1 de janeiro. Até 28 de fevereiro de 2016